



PANDEMIA E REORGANIZAÇÃO ESCOLAR: Letramento Digital e o Uso de Ferramentas Digitais no Ensino Remoto em uma Cidade do Interior de Goiás-GO

Ludimilla Dadiane Cardoso de Jesus¹ (UEG)

Guido de Oliveira Carvalho² (UEG)

Resumo: A busca de um ensino contextualizado capaz de abranger as necessidades comunicativas dos alunos e os preparar para a vida em sociedade vem sendo desenvolvido desde a criação dos PCNs, assim como a valorização do uso das tecnologias em sala de aula. Contudo, nem sempre a escola sabe lidar com os recursos digitais. A pandemia obrigou o ensino, antes arraigado em moldes tradicionais presenciais, a migrar para que não houvesse prejuízo à aprendizagem. O Decreto Estadual nº 9.653, de 19 de abril de 2020, instaura o regime de aulas remotas no estado de Goiás e as escolas tiveram de procurar caminhos para manter aulas *online* de forma acelerada. A plataforma escolhida foi o Google Sala de Aula, mas não houve qualquer formação da equipe pedagógica ou dos alunos para usarem o *software*. Com base nos questionamentos de professores e alunos da instituição surge o objeto deste artigo: pesquisar as influências da ferramenta no processo de letramento digital dos alunos. Os resultados da pesquisa indicam dificuldades de alunos e professores em participar das atividades *online*, sendo necessário a produção de tutoriais para auxiliar os alunos e, consequentemente, contribuir com o letramento digital deles. Para fundamentar a pesquisa, buscamos referencial teórico em Lima (2016), Piva Jr. (2013), Ribeiro (2018), Coscarelli e Ribeiro (2017), além de estudos anteriores sobre o uso da plataforma Google Sala de Aula: Silva (2004) e Vinha (2017).

Palavras-chave: Letramento digital. Ensino remoto. Google Sala de Aula.

Introdução

A educação é um setor da sociedade com mudanças e inovações, algumas positivas, outras conflituosas. Contudo, existe um caminho longo a ser percorrido para que o ensino formal alcance seus objetivos. Nesse sentido, algumas propostas e teorias ganham ênfase por sua eficácia, entre elas estão o uso de softwares no ensino remoto e o letramento digital dos alunos para utilizá-los.

1 Mestranda em Língua, Literatura e Interculturalidade pelo POSLLI, UEG - Câmpus Cora Coralina. Graduada em Letras pela UEG - Câmpus Cora Coralina. Professora da rede pública municipal e estadual em Faina-GO. E-mail: ludimilladadiane@gmail.com.

2 Doutor em Letras pela UFG. Professor do curso de Letras da UEG - Câmpus Coralina. E-mail: longevos2020@gmail.com.



Letramento digital é a apropriação das novas tecnologias nas ações socioculturais, assim como nas práticas de interação dos indivíduos. Consiste na capacidade de usar a tecnologia como caminho para inserção social (LIMA, 2016; SILVA, 2016; SOARES, 2002).

Em 2020 muitas relações que envolviam pessoas precisaram ser repensadas para que pudesse funcionar em plena pandemia, entre elas a escola. A instituição que antes tinha grande dificuldade em inserir a tecnologia na prática pedagógica, se viu obrigada em pouco tempo a migrar para plataformas totalmente digitais. Tal fato gerou medos e desconfiças.

Nesse contexto surge a pergunta: como o uso dessas plataformas influenciaram no letramento digital dos alunos? Quais contribuições elas trouxeram? Para responder tais questionamentos, a presente pesquisa faz análise do uso do *software Google Sala de Aula*, em um colégio do interior goiano, o qual atende alunos do município de Faina.

Tal pesquisa se faz importante ao tratar de questões relacionadas ao ambiente escolar, além de propor caminhos para contribuir com a aprendizagem e refletir sobre a prática docente.

Letramento digital: contribuições educativas

O letramento digital constitui-se da necessidade dos indivíduos de usufruir das novas possibilidades de acesso e interação com as informações geradas pelas TICs (Tecnologias de Informação e Comunicação). O conceito diz respeito à capacidade de apropriação da tecnologia digital visando a inserção e participação do indivíduo na sociedade globalizada (LIMA, 2016).

Nesse sentido não basta saber manusear as ferramentas digitais, ligar um computador ou usar o celular. É necessário apropriação em prol de práticas socioculturais. Segundo Araújo (2008) a co-dependência que é notada entre alfabetização e letramento, também acontece entre alfabetização digital e o letramento digital, a primeira, entendida como o manuseio técnico das ferramentas digitais, é pré-



requisito da segunda (COSCARELLI, 2016, p. 21), contudo, não é suficiente para que o indivíduo desfrute de toda a interatividade que o acesso a tecnologias permite, uma vez que:

[...] o letramento digital implica realizar práticas de leitura e escrita diferentes das formas tradicionais de letramento e alfabetização. Ser letrado digital pressupõe assumir mudanças nos modos de ler e escrever os códigos e sinais verbais e não-verbais, como imagens e desenhos, se compararmos às formas de leitura e escrita feitas no livro, até porque o suporte sobre o qual estão os textos digitais é a tela, também digital. (XAVIER, 2005, p. 20).

O letramento digital se trata de um processo amplo, com conotações sociais e culturais, envolvendo leitura, escrita e outros meios de comunicação como vídeos, imagens, áudios e textos no contexto das tecnologias de comunicação e informação. Freitas (2004) e Leyver (1999) defendem que no meio digital é necessário entender, contextualizar, co-relacionar e criar informações, sendo que estas podem estar em formatos variados, logo os conhecimentos necessários para ser fluente nessa realidade são múltiplos e exigem do indivíduo raciocínio crítico. Para Barton e Lee (2015), a codificação e decodificação de palavras, assim como a compreensão contextual são habilidades requisitadas para o entendimento do conteúdo digital. Carvalho (2019) acrescenta que o letramento digital leva a uma interação com o meio digital em suas múltiplas semioses, com o objetivo de selecionar as informações que interessam ao usuário bem como participar desse ambiente digital.

Coscarelli e Ribeiro (2005) enfatizam o dever da escola em letrar digitalmente, pois como instituição formadora se torna capaz de tornar a inclusão digital uma realidade.

Coronavírus e a reorganização escolar: *Google Sala de Aula*

A escola pública brasileira vinha tendo dificuldades de inserção das TICs e consequentemente de contribuir com o letramento digital dos alunos, os motivos transitavam entre falta de infraestrutura, má formação dos professores e dificuldade de



aceitar inovações tecnológicas. Entretanto, a pandemia do Coronavírus trouxe a necessidade imediata de fechamento das principais instituições do país, entre elas a escola.

No estado de Goiás devido ao crescimento de casos entre março e abril o governo por meio do decreto Estadual nº 9.653, de 19 de abril de 2020, instaura o regime de aulas remotas. Cabe destacar que não se trata de tornar as aulas EAD. Landim (1997) define educação a distância EAD como uma forma revolucionária e inclusiva de ensino, no qual o aluno ganha autonomia, organizando seu tempo de estudo. Ferreira (2000) considera a EAD como forma de aproximação entre diferentes grupos, separados geograficamente, não é somente a aplicação técnica dos conteúdos, mas a ressignificação deles. Essa nova forma de ensinar se parece com o EAD somente pelos recursos utilizados: tecnologias. Em seu cerne, o ensino remoto conta com a presença mais ativa dos professores no planejamento, aplicação e *feedback* das atividades, além de uma maior interação entre professor-aluno-aluno.

O ensino remoto foi instaurado de forma emergencial, conseqüentemente não teve planejamento prévio ou levantamento de dados sobre plataformas, aplicativos e demais possibilidades para contribuir com as aulas. Silva (2006, p.18) define o ensino remoto como:

[...] a interação com fins educacionais; de maneira sincrônica ou assíncrônica; de forma individual ou coletiva; que utilizam o computador como principal meio de comunicação e interação entre os sujeitos do ato educacional e que permitam acessar a recursos e serviços desde computadores instalados remotamente.

No contexto pandêmico, o ensino remoto possibilitou a continuidade do ano letivo, aproximando alunos e professores, antes separados devido às medidas restritivas impostas pelo ministério da saúde. Alguns problemas foram enfrentados na aplicação nessa nova forma de ensino: alunos que não tinham acesso à internet, professores sem formação, e a dúvida de qual recurso usar para ministrar as aulas. Muitas escolas particulares do estado já possuíam plataformas *online* de ensino, enquanto as escolas



públicas se viram obrigadas a aderir a alguma já existente, como o Google Sala de Aula. A plataforma existe na versão gratuita e com foco na educação. Para isso ele conta com uma interface parecida com as redes sociais, facilitando o acesso de alunos e professores. Ele foi lançado em 2014 e vem fazendo parte da vida de estudantes de todo mundo, no início da pandemia o número de usuários dobrou em poucas semanas (BLOOMBERG, 2020).

Vinha (2017, página digital) atribui esse crescimento à praticidade: “[...] é uma ferramenta que permite criar salas de aula virtuais para que qualquer um possa entrar, estudar, fazer provas e ter uma rotina de exercícios”. Baldez (2017) e Araújo (2016) complementam sobre a interação da sala de aula virtual (*Google Sala de Aula*) com outros aplicativos da empresa (*Drive, Forms, Docs, Gmail, Meet, sites*, entre outros). A Google disponibiliza na internet um resumo dos principais recursos do *software* (GOOGLE, 2014, p. 02):

Fácil de configurar: os professores adicionam alunos diretamente ou compartilham um código com a turma para que os alunos se inscrevam.

Poupa tempo: o simples fluxo de trabalho digital permite que o professor crie, revise e avalie tarefas rapidamente em um só lugar.

Melhora a organização: os alunos visualizam todas as tarefas em uma página específica e todo o material didático é arquivado automaticamente em pastas do Google Drive.

Aprimora a comunicação: o Sala de aula permite que o professor envie comunicados e inicie discussões instantaneamente. Os alunos compartilham recursos entre si ou respondem a perguntas no fluxo.

Acessível e seguro: assim como o restante dos serviços do Google Apps for Education, o Sala de aula não inclui anúncios e jamais utiliza o conteúdo do professor ou os dados dos alunos para fins publicitários. Além disso, ele é gratuito para escolas.

O *Google sala de aula* está disponível para computadores e aparelhos móveis (*smartphones, tablets*). É necessária uma conta no *Gmail* para que professor crie suas turmas, com horários e agendas definidas. Os alunos podem ser adicionados com envio de *Links* da turma ou código. Existem dúvidas em relação ao uso da plataforma, tanto por alunos quanto professores que demandam busca por orientações.



Contextualizando a pesquisa: Colégio Estadual Lindolfo Mendes da Cunha

O Colégio Estadual Lindolfo Mendes da Cunha foi criado em 1978 e localiza-se no município de Faina, Estado de Goiás. Atualmente é um estabelecimento constituído de Ensino Fundamental II fase 6º ao 9º ano, Ensino Médio de 1ª a 3ª série, EJA – II e III etapa com uma extensão em Santa Rita com Ensino Médio (regular).

Os alunos atendidos são oriundos de todos os bairros da cidade e também do espaço rural. Em relação às condições socioeconômicas e culturais podemos afirmar que a realidade desta comunidade depende muito de fatores externos. Pois a economia do município é basicamente agricultura, comércio e pecuária, com muitos trabalhadores rurais, e na cidade a grande fonte de emprego é a prefeitura, a maioria das pessoas tem uma vida sofrida, com baixa renda e depende muito dos programas de Governo (Estado, Município e União). Isto propicia uma clientela escolar carente de recursos financeiros (PPP, 2020).

Segundo o PPP a escola atende 527 alunos entre 10 e 24 anos, o número elevado é decorrente de ser a única instituição de ensino estadual do município. O Corpo Docente totaliza 32 (Trinta e dois) professores, distribuídos nos três turnos, sendo que destes, 29 (vinte e nove) são efetivos e 03 (três) em regime de contrato temporário.

Ainda de acordo com o documento PPP, a instituição se preocupa com o desenvolvimento do conhecimento com vista ao processo de investigação e ampliação dos conceitos de senso comum para os conceitos científicos; através do pensamento crítico reflexivo e criativo. Buscando ser uma escola de referência pela qualidade e excelência dos serviços educacionais prestados, transparência e compromisso com a gestão pública democrática e por ações de educação integral humanizada visando à formação cidadã do aluno.

Como em outras cidades do Brasil, a pandemia mudou completamente a rotina da instituição, primeiro com a suspensão das aulas, depois com o ensino remoto. Em pouco tempo os profissionais tiveram que procurar formas de dar sequências às aulas. Inicialmente foi pensado o uso do *WhatsApp*, grupos das turmas, mas não deu



certo devido a questão de o aplicativo também ser usado na vida pessoal e não ter todos os recursos necessários. Outro problema que se apresentou foi a falta de acesso à internet por parte dos alunos da escola. Aos alunos sem acesso à internet ficou decidido que seriam enviadas atividades impressas, tomando todos os cuidados para evitar contaminação. E depois de algumas reuniões, as aulas migraram para o *Google Sala de Aula*.

Com base nas dificuldades enfrentadas pelos alunos para se adaptarem a plataforma, tornou-se perceptível a necessidade de refletir sobre o uso dessa ferramenta digital.

Caminhos metodológicos: problematizando o uso do *Google sala de aula*

A análise segue o viés qualitativo, pois como afirma André (1983), as pesquisas com essa abordagem têm como foco os fenômenos da vida moderna, ou seja, o sujeito em seu contexto de produção discursiva, gerando estudos contextualizados.

No que concerne à seleção e organização do corpus, adotou-se o uso de recortes. “[...] Um recorte é um fragmento da situação discursiva e a análise empreendida efetua-se por meio de seleção dessas unidades extraídas do corpus, ou mesmo de recortes de recortes, observados os objetivos da pesquisa” (ORLANDI, 1989, p. 36). No caso, os recortes serão feitos a partir de conversas no aplicativo *WhatsApp*, entre a primeira pesquisadora (professora do Colégio Estadual Lindolfo Mendes da Cunha) com alunos e professores da instituição.

A coordenação da escola se responsabilizou em fazer as turmas, inicialmente foram adicionados os professores e depois o *link* das turmas foi disponibilizado no *WhatsApp* para os alunos. As primeiras dúvidas surgiram nesse momento. “Professora, como faço para entrar na turma online?”, “Tia, esse código coloca onde?”, “Esse aplicativo tem no *Play Store*?”, “Tem que fazer um e-mail novo para entrar na sala de aula online?”.

Por meio dessas perguntas, percebe-se que muitas vezes os alunos tidos “nativos digitais”, apesar de supostamente terem familiaridade com as TICs, não



dispõem totalmente do letramento digital:

No que diz respeito à condição de *nativo digital* com o processo de letramento digital, acreditamos que não tem influência direta no desenvolvimento do letramento digital, porque do mesmo modo que o indivíduo sabe falar e escrever não garante que ele seja letrado, podemos dizer que o indivíduo ter acesso à tecnologia digital e saber manuseá-la, facilmente não garante que ele realize práticas de letramento digital com tal tecnologia, logo não seria letrado digital. (LIMA, 2016, p.101, grifos da autora)

Como argumenta Piva Jr. (2013), o professor se mostra importante nesse momento, ao mediar a relação do aluno com a tecnologia, tornando-a ferramenta no processo de aprendizagem. Ao orientar o aluno em relação ao uso do *software*, ele caminha em direção ao letramento digital, pois não é somente o uso da ferramenta, mas também um fazer social. No entanto, para que essas orientações sejam possíveis, antes o profissional precisa se inteirar sobre a plataforma.

As aulas remotas exigem autonomia dos professores e ainda mais dos alunos, pois a sociedade estava acostumada com o ensino impresso. A pandemia trouxe a necessidade da reestruturação, gerando medos, anseios e principalmente inseguranças. Mas, por outro lado, gerou a empatia, o trabalho em equipe e a colaboração, entre diferentes setores da educação. Os alunos começaram a fazer descobertas sobre o aplicativo e se ajudar.

Monte Mór (2007) destaca essa capacidade dos jovens em aprender sem modelos prévios (epistemologia da performance), seja por meio de intuição ou na tentativa e erro. Essa forma de aprendizagem trabalha a independência, além da capacidade de descoberta, gerando conhecimento e consequentemente o letramento.

Como salienta Kleiman e Sito (2016) há formas diferentes de aprender e cada indivíduo precisa buscar a melhor para si. Segundo as concepções de Monte Mor (2007), o dever do professor é facilitar o processo de aprender, assim como medir a interação com as TICs, nesse viés o presente trabalho buscou cumprir o compromisso de contribuir com o letramento digital dos alunos.



Considerações finais

As mudanças trazem medos e anseios, mas obrigam o indivíduo a se readaptar, foi o que aconteceu com professores e alunos. A COVID-19 trouxe a emergência da reestruturação do ensino, tirando a escola da zona de conforto, as mudanças demandaram e ainda demandam tempo e esforço. Assim como demonstram a necessidade de pesquisas aplicadas visando contribuir com a melhoria do ensino.

Como demonstrou a pesquisa, o Google Sala de Aula trouxe contribuições valiosas para o ensino formal da escola em estudo. Por meio dele foi possível manter as aulas. A ferramenta gerou colaboração e empatia, além de ser um caminho para promover o letramento digital dos alunos.

Este texto busca trazer reflexões sobre nossa experiência de ensino-aprendizagem durante a pandemia. Entretanto, traz também subjacente às considerações aqui retratadas, questões para o futuro: como a educação pode efetivamente se apropriar das tecnologias de modo a beneficiar o processo de ensino-aprendizagem? Como as instituições encararão as ferramentas digitais no pós-pandemia? Esperamos que estas e outras questões possíveis tenham respostas em um futuro próximo.

Contudo, para que o *Software* seja de fato uma ferramenta colaborativa, outros setores devem ser trabalhados, tais como a formação dos professores, com a inclusão de estudos de letramento digital, e o acesso ao mundo digital, com o fornecimento de equipamentos e redes para acesso à internet nas instituições escolares.

Referências

ANDRÉ, M. E. A. de. Texto, contexto e significado: algumas questões na análise de dados qualitativos. **Cadernos de Pesquisa**, (45): 66-71, 1983.

ARAÚJO, J. de S. **Perfil do leitor colonial**. Salvador: UFBA, Ilhéus: UESC, 2008.

ARAÚJO, H. M. C. **O uso das ferramentas do aplicativo “google sala de aula” no ensino de matemática**. Disponível em:

<https://repositorio.bc.ufg.br/tede/bitstream/tede/6470/5/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20-%20Helenice%20Maria%20Costa%20Ara%C3%BAjo%20-%20202016.pdf>.

Acesso em: 26 nov. 2020.



BARTON, D.; LEE, C. **Linguagem online: textos e práticas digitais**. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

BALDEZ, M. L. F. **A importância do Google Classroom na disciplina de língua portuguesa na escola de ensino Médio João Pedro Nunes**. 2017. 23 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização) - Curso de Especialização em Mídias na Educação, Centro de Tecnologia, Universidade Federal de Santa Maria, Sant'Ana do Livramento/RS, 2017.

BLOOMBERG. **Google Classroom users doubled as quarantines spread**, 2020. Disponível em: <https://www.bloomberg.com/news/articles/2020-04-09/google-widens-lead-in-education-on-market-as-students-rush-online>. Acesso em: 01 fev. de 2021.

CARVALHO, G. de O. **Interlocução entre letramento acadêmico e letramento digital: os efeitos das novas tecnologias nos hábitos de leitura e escrita**. 2019. 238 f. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, GO, 2019. Disponível em: <http://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/10301>. Acesso em: 4 dez. 2020.

COSCARELLI, Carla; RIBEIRO, Ana Elisa. **Letramento digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas**. 3. ed. Belo Horizonte: Ceale: Autêntica, 2017.

FERREIRA, R. **A Internet como ambiente da educação à distância na formação continuada de professores**. Universidade Federal do Mato Grosso. Dissertação de Mestrado: Cuiabá, 2000. Online. Disponível na Internet. In: http://cev.ucb.br/qq/ruy_ferreira/tese.htm. Acesso em 23 dez. 2020.

FREITAS, M. T. Letramento digital e formação de professores. **Educação em Revista**. Dez, 2004, v. 26, nº 03, p. 335-352. Belo horizonte, Minas Gerais. Disponível em: Acesso em: <https://www.scielo.br/pdf/edur/v26n3/v26n3a17>. Acesso em 04 dez. 2020.

GOIÁS. **Decreto nº 9.653, de 19 de abril de 2020**. Disponível em: https://legisla.casacivil.go.gov.br/pesquisa_legislacao/103128/decreto-9653. Acesso em: 02 jan. 2021.

GOOGLE. **Google Apps: O que há de novo**. 2014. Disponível em: <<https://goo.gl/MFv9PW>>. Acesso em: 18 dez. 2020.

KLEIMAN, A.; SITO, L. Multiletramentos, interdições e marginalidades. In: KLEIMAN, A.; ASSIS, J. A. **Significados e ressignificações do letramento**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2016, p.169-198.

LANDIM, C. M. das M. P. F. **Educação à distância: algumas considerações**. Rio de Janeiro: s.n., 1997.



LIMA, E. S. L. **Sei navegar na internet:** serei eu um letrado digital? Jundiaí: Paco Editorial, 2016.

MONTE MOR, V. Linguagem digital e interpretação: perspectivas epistemológicas. **Trab. Ling. Aplic.**, Campinas, 46(1): 31-44, Jan./Jun. 2007.

ORLANDI, E. P. **Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1989.

PIVA, Jr, D. **Sala de aula digital:** uma introdução à cultura digital para educadores. 1ª ed. São Paulo: Saraiva, 2013.

PPP. **Projeto Político Pedagógico do Colégio Estadual Lindolfo Mendes da Cunha.** Faina – GO 2020.

RIBEIRO, A. E. **Escrever, hoje.** Palavra, imagem e tecnologias digitais na educação. São Paulo: Parábola Editorial, 2018.

SILVA, M. In **Internet na escola e inclusão:** integração das tecnologias na Educação/Secretaria de Educação a Distância. Brasília: Ministério da Educação, Seed. 2006.

SOARES, M. Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 23, n. 81, p. 143-160, 2002.

VINHA, T. **Google Classroom sai da fase de testes, saiba criar uma sala de aula.** Techtudo, Disponível em: <https://www.techtudo.com.br/dicas-e-tutoriais/2017/05/google-classroom-sai-da-fase-de-testes-saiba-criar-uma-sala-de-aula.ghtml>. Acesso em 20 jan. 2021.

XAVIER, A. C. S. Letramento digital: impactos das tecnologias na aprendizagem da Geração Y. **Calidoscópio**, v. 9, n. 1, p. 3-4, 2005.